

2447-9357

A CONSTRUÇÃO E A EXPANSÃO DE GOIÂNIA-GO

João Paulo Carneiro dos Reis¹.

joaozinhorn206@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Marcelo Mello².

Universidade Estadual de Goiás - UEG

ueg.marcelo@gmail.com

Resumo: Buscamos nesse trabalho a discussão a partir visão do método dialético, foi realizado uma pesquisa teórica histórica da fundação da cidade de Goiânia, e segundo momento conceitual para entender os principais conceitos relacionados ao tema. Para termos a possibilidade de compreender dinâmica socioespacial de uma cidade é necessário recorrer a sua formação territorial como também em seu contexto histórico. Aqui neste estudo buscamos o entendimento criação do espaço urbano de Goiânia(GO). Neste sentido, buscamos compreender como ocorreu a formação da cidade, criadas em meios as discursos e idealizações. É nesta perspectiva, objetivos específicos, visa os seguintes propósito: caracterizar o processo de formação territorial do município de Goiânia, no contexto da sua formação e dos agente produtores do espaço urbano. Nesse sentido, que podemos compreender dinâmica socioespacial atentamos aqui a refletir como seu o processo de expansão da cidade ocorreu, sendo então, resultante da lógica capitalista incorporados nos agentes produtores e reprodutores da cidade. É necessário compreender as dinâmicas internas da cidade, bem como se estabeleceu a lógica capitalista no espaço urbano de Goiânia desde da sua inauguração até a sua expansão, uma vez que essas emergem na formação espaço urbano. Temos como escala de análise intra urbana, neste sentido, discutiremos então a partir desses conceitos chaves da formação da centralidade urbana.

Palavras-chave: Construção de Goiânia, promotores imobiliários, expansão da cidade

Introdução:

Entender a dinâmica socioespacial de uma cidade é necessário recorrer a sua formação territorial como também em seu contexto histórico do seu espaço. É nesta perspectiva, atentamos aqui a refletir como seu o processo criação do espaço urbano de Goiânia(GO) e sua expansão. Para isso, É necessário compreender as dinâmicas internas da cidade, uma vez que essas emergem na formação espaço urbano. Temos como escala de análise intra urbana, neste sentido, discutiremos então a partir desses conceitos chaves da formação da centralidade urbana.

A nova capital do estado, desde sua construção, foi caracterizada pela presença simultânea de empreendimentos com e sem regularização fundiária. Esta realidade está

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

presente no processo histórico de territorialização de Goiânia. Porém, este cenário não se limitou à Goiânia: à medida que a capital dificultou o acesso ao solo urbano, as cidades que a circundavam foram afetadas por este processo. Um processo de metropolização foi deflagrado em um contexto marcado pela associação do Estado com agentes imobiliários.

Compreender os significados criados pelo urbanismo exige que consideremos as práticas instituídas pelo Estado, que busca estabelecer nas estruturas internas das cidades a sua lógica racionalista e especuladora. A presente pesquisa apresenta como escala de análise o espaço intraurbano. Para Villaça (1998), esta escala enfoca um conjunto de elementos que são muito relevantes para compreensão do urbano. Neste sentido, ela nos ajuda a compreender os acontecimentos e as relações nas estruturas internas das cidades. O referido autor afirma, ainda, que o espaço intraurbano é de modo;

estruturado fundamentalmente pelas condições do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho - como no deslocamento casa/trabalho - [...] exatamente daí vem por exemplo, o enorme poder estruturador intra urbano das áreas comerciais e de serviços, a começar pelo próprio centro urbano.(2007, p.20)

De maneira simultânea a cidade é compreendida enquanto espaço de reprodução da vida e de (re)produção do capital. Em ambos os casos, as dinâmicas ocorrem em um mesmo espaço intraurbano. Neste sentido, os agentes responsáveis por (re)produzirem o espaço urbano, são: “o Estado, os proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, os promotores imobiliários e grupos sociais excluídos. de acordo com Corrêa “(1996, p.1)

Atuação do Estado tem sido complexa e variável, tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte. Ele dispõe de um conjunto de instrumentos que regulam o uso do solo; o controle de limitação dos preços das terras; a limitação da superfície da terra de que cada um pode se apropriar; os impostos fundiários e imobiliários (Corrêa, 1996).

Por meio da reprodução destes agentes, o espaço urbano de Goiânia passa a apresentar uma expansão direcionada para a região sul. Uma série de iniciativas promovera a valorização diferenciada dessa área de expansão de Goiânia, atendendo os interesses dos proprietários dos empreendimentos imobiliários. Ou seja, a configuração do espaço urbano de Goiânia é produto do embate de duas realidades: do planejado e do vivenciado, que representam as contradições existentes no espaço urbano (BERNARDES, 1998; PAULA, 2003).

O poder público aparece como um dos reprodutores do processo de segregação, ao perpetuar algumas políticas públicas, como as que referem aos investimentos em

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

equipamentos urbanos de infraestrutura básica. Os equipamentos urbanos são distribuídos com mais fartura nos chamados bairros “nobres”. Já os “bairros periféricos”, ficam a mercê da boa “vontade” política em períodos de campanha eleitoral (PAULA, 2003).

Desta maneira, a atuação espacial dos promotores se faz de modo desigual, criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade capitalista. E, na medida em que os outros segmentos produzem conjuntos habitacionais populares, a segregação é ratificada. (CORRÊA, 1996)

GOIÂNIA: Contexto Histórico e a formação territorial

Neste sentido, temos, de um lado, discursos políticos que apresentaram a nova capital a partir da década de 1930, de outro, processos, como o de migração e de êxodo rural, que alteraram as definições traçadas por arquitetos e urbanistas.

No contexto das mudanças, os migrantes oriundos do campo ou de núcleos urbanos se depararam com a dificuldade de conquista de moradias. Neste sentido, um fato deve ser destacado: o solo urbano é uma mercadoria! Como os migrantes não possuem recursos financeiros, permaneciam alheios à possibilidade de uma moradia devidamente legalizada. Como alternativa, surgem as ocupações de propriedades públicas e privadas.

Contudo, a nova disciplina ordenadora do espaço urbano foi desafiada: se por um lado novas relações de consumo e trabalho surgiram; por outro, a especulação imobiliária rompeu os planos simetricamente delineados. Todavia, as contradições territorializadas foram, e ainda são, encobertas por formas espacialmente desejadas. O novo ordenamento territorial, pautado na racionalidade instrumental própria da modernidade, privilegiou demandas de um corpo social dominante. Inspirados no pensamento europeu, foram empregados conceitos vinculados às funções urbanas classificadas como fundamentais: trabalhar, habitar, circular e lazer (CORBUSIER, 1993).

Para ilustrar a disciplina previamente estabelecida, apresentamos o traçado das três avenidas radiamente ligadas à Praça Cívica.



¹Graduado em licenciatura em Geografia

² Pós doutor em Geografia

Foto: 01 Vista do Centro Cívico de **Goiânia**, de Attílio Corrêa Lima:
Elementos do urbanismo barroco Fonte: MANSO,2001.

O traçado acima permite a análise do plano da nova capital, fundada em ruas ordenadas. Mas, a cidade planejada para uma população de 50 mil habitantes foi envolvida por uma pressão demográfica. Após sete anos da elaboração de seu projeto, em 1933, o IBGE (1940) estimou a existência de uma população de 48.166 mil habitantes. Apresentamos, abaixo, o desenho urbano delineado no plano diretor de Goiânia,

1,2 Expansão Urbana Goiânia

Estevam (2005) destaca que nas décadas de 1940 e 1950, Goiás registrou altos índices de crescimento demográfico tanto urbano quanto rural. Desta forma, a capital passou a ser o lugar desejado por migrantes vindos de várias localidades. O IBGE aponta que, em 1950,¹ a população da capital era de 53.389 habitantes. Mas esse número triplica na década seguinte: a população estimada alcançou a casa dos 151.013 habitantes, da década de 1960.

Neste contexto, na medida em que Goiânia passou a receber um alto contingente populacional, inicia-se a produção de um aglomerado humano em sua zona urbana. O IBGE (1950) destaca que cerca de 75,5% da população vivia na cidade, enquanto apenas 24,5% ainda vivia na campo. Nesta perspectiva, já na década de 1960, esta tendência é mais expressiva, quando 88.3% da população passa a residir na cidade.

É importante ressaltar que em 1960 Brasília é inaugurada. Mello (2009) nos revela que a nova capital do país surge no governo de Juscelino Kubitschek entre (1956-1960). Naquele momento, quando foram implementados os Planos e Programas com vistas a uma articulação de um novo padrão produtivo no território brasileiro. Neste sentido, as políticas integracionista que efetivaram a construção de Brasília deflagraram várias mudanças em Goiás.

¹ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de População, Censo Demográfico, Tabela extraída de: IBGE. Anuário Estatístico do Brasil 1994. Rio de Janeiro, 1994, v. 54. Dados Organizados pela SEPLAM/DPSE/DVSE. – 2006. Dados reorganizados por Mendes(2009)

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

Estevam (2005) afirma que o processo de urbanização comprova a existência de uma ruptura - de um Goiás "velho" para um Goiás "moderno" – , a partir da década de 1970, quando a indústria auferiu frações significativas da renda interna e o setor de serviços sustentou sua participação em função da acelerada urbanização regional.

Neste sentido, o autor relata que o êxodo rural ocorreu de maneira expressiva na década de 1980, acelerando mais ainda a urbanização em Goiás. Estevam (2005) retrata, ainda, que a taxa de urbanização no estado pode ser percebida a parti do índice da população economicamente ativa – PEA nos variados setores da economia do estado. Desta forma, o autor retrata que;

Em 1970, 60,4 por cento da PEA em Goiás ainda estava voltada para a agricultura (pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca); nas atividades industriais “[...]estava o correspondente a 8,9 por cento e nos serviços 11,5 por cento da PEA. Em 1980, apenas 39,2 por cento da população economicamente ativa estava no setor agrícola, 16,5 por cento no industrial e 18,6 por cento na prestação de serviços; a partir de então, a estrutura de ocupação foi se alterando gradualmente - na década - em detrimento do setor agrícola e em favor do setor industrial e de serviços. Estevam (2005) JORNAL OPÇÃO GOIÂNIA, 25/09/2005)

Nesta perspectiva, Goiânia torna-se o espaço privilegiado para a consolidação de serviços necessários a redefinição produtiva no estado de Goiás. Desta maneira, a população estimada em 1980 era de 717.519 habitantes, segundo o IBGE(1980), sendo que cerca de 98.06% da população vivia na cidade. Em 2000, a população de Goiânia é praticamente urbana, 99,3% da população. Maia (2008) afirma que em 1980 Goiânia teve seu território urbano expandido, a partir de um modelo em que os moradores de baixa renda são expulsos para seu entorno. Este fenômeno é um verificado em todo território nacional.

1.3 A EXPANSÃO URBANA E SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL EM GOIÂNIA

O projeto idealizado para referenciar a materialização da cidade foi corrompido. A cidade idealizada na década de 1930 foi corrompida! Em 1950, o planejado é fortemente confrontado com o real, por meio de acontecimentos que antecedem a ultima data. O espaço urbano de Goiânia é controlado pelo estado até 1950. No entanto, ainda em 1947, tem-se aprovação do Código de Edificação de Goiânia.

È por meio de acontecimento que iniciou a regularização do uso e parcelamento do solo da capital. Nesta perspectiva, o poder publico municipal aprova o uso e o parcelamento do solo da capital, mas que deixa a cargo dos donos dos lotes á responsabilidade

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

pela implantação da infraestrutura básica nos parcelamentos e usos do solo para fins comerciais.

Neste sentido, o espaço urbano é apropriado pelos agentes imobiliários. Esta ação ocorre segundo, Corrêa,(1996) a partir

de um conjunto de agentes que realizam,parcialmente ou totalmente, as seguintes operações: incorporação; financiamento; estudo técnico; construção ou produção física do imóvel; e comercialização ou transformação do capital- mercadoria em capital- dinheiro, agora acrescido de lucro.(1996, p.6)

Por meio da reprodução destes agentes, o espaço urbano de Goiânia passa a apresentar uma expansão na região sul. Uma série de iniciativas promovera a valorização diferenciada dessa área de expansão do centro de Goiânia atendendo os interesses dos proprietários dos empreendimentos imobiliário no área no plano diretor. Ou seja, a configuração do espaço urbano de Goiânia é produto do embate de duas realidades: do planejado e do vivenciado, que representam as contradições existentes no espaço urbano.(BERNARDES, 1998; PAULA, 2003).

No contexto desta expansão, Marinho afirmar que para se ter uma ideia da imigração para Goiânia, entre 1950 e 1964, a população urbana saltou de 53 mil para 260 mil. Este fato estimulou os ânimos do mercado imobiliário, tanto que as habitações neste período também sofreram um salto de 10 mil para 40 mil. Neste sentido, percebe-se que há uma contradição: de um lado a cidade desejada para se morar, de outro, os espaços reservados pela especulação, aguardando a valorização e produzindo espaços “vazios” em Goiânia. (BARROSO, 2014)

Goiânia passa a apresentar um crescimento desordenado, tanto no que tange a sua área territorial como também sua população. Neste sentido, Mello (2009) afirma que” a materialidade do poder exercido tem atribuição de criar um corpo social, a resistência à ação do poder não combatida de forma eficiente age, de maneira diametricamente oposta, se assemelhando com uma infecção descontrolada que desconfigura os sistemas que dão vida ao organismo republicano.” Mello (2009, p. 58)

Assim, as transformações ocorridas a partir de 1930, com a crescente industrialização e com o êxodo rural, produziu a “cidade marginal”. Devido à falta de planejamento afim de recepcionar a população migrante e gerando sérios problemas com a formação de favelas, cortiços, loteamentos clandestinos e irregulares(BARROSO, 2014)

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

De fato, a procura por Goiânia ocorreu de maneira expressiva, a partir de 1960. Essa procura foi responsável pela “formação de grandes massas de pessoas pobres e sem moradia, vinda do campo para Goiânia” (BARROSO, 2014, p.42). Neste contexto, pensar a produção da cidade é refletir sobre a sua formação territorial, a partir de uma construção forjada por ações conjuntas dos agentes responsável pela produção do espaço urbano de uma cidade. No caso do espaço urbano goianiense, a ação de tais agente sociais e políticos ocorreu ao longo da história, contribuindo para um (re)arranjo de sua estrutura espacial (PAULA, 2003).

Moysés (2001) aponta que região noroeste foi a que mais sofreu com o movimento de luta pela terra, tendo diversos bairros constituídos por meio de invasões. Ainda nesta discussão, de acordo com o referido autor, no fim da década de 1970 esta região é palco dos mais importantes conflitos da capital².

Para Marinho (2006), Estado desprezava a necessidade da população migrante, pois representava os interesses de outros segmentos sociais, ignorando a demanda por moradias populares. Mas, como percebemos, os “excluídos” também são agentes responsável pela produção do espaço urbano das cidades. Segundo Corrêa (1999, p.4), são “aqueles que não possuem renda para pagar o aluguel de uma habitação digna e muito menos para comprar um imóvel.” Neste sentido, olhando para a história e o contexto social em que Goiânia é inserida, podemos avaliar como o processo de segregação esteve presente na produção da cidade.

Neste contexto, a segregação não é um fenômeno que se dá naturalmente. Antes, constitui-se em um processo social da natureza política, estando intimamente ligado a produção do espaço. Na constituição da cidade está inserida uma série de processos segregadores, separando as classes sociais (PAULA, 2008).

Villaça (2001) afirma que a segregação residencial está presente nas metrópoles brasileiras, principalmente de classes e de etnias. Vamos abordar a segregações das classes sociais, que domina a estruturação das nossas metrópoles. Classes ou camadas sociais tendem

2

Segundo Moyses, em julho de 1979 cerca de cem famílias conseguem ocupar uma área de aproximadamente 26 alqueires (cada alqueire goiano mede 48.400 metros quadrados).

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole.

Moysés (2001) aponta, ainda, que a ação do estado na Região Noroeste, ao longo dos anos 1980, assume um caráter segregacionista. Desta forma, autor revela que;

A ação do Estado na Região tanto, é contraditória do ponto de vista social. Ao mesmo tempo em que possibilita melhores condições de vida para a população pobre dispersa pela cidade, ao atraí-la para um mesmo espaço geográfico, o faz segregando-a espacialmente e apartando-a socialmente. Moyses (2001, p.13-14)

A atuação espacial dos promotores se faz de modo desigual, criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade capitalista. E, na medida em que os outros setores do espaço produzem conjuntos habitacionais populares, a segregação é ratificada. (CORRÊA, 1996)

O poder público aparece como um dos reprodutores do processo de segregação, ao perpetuar algumas políticas públicas, como as que referem aos investimentos em equipamentos urbanos de infraestrutura básica. Os equipamentos urbanos são distribuídos com mais fartura nos chamados bairros nobres. Já os “bairros periféricos”, ficam a mercê da boa “vontade” política em períodos de campanha eleitoral (PAULA, 2003).

A estrutura segregacionista revela a contradição existente entre as regiões da cidade. Os interesses divergentes dos grupos sociais que habitam o meio urbano fazem com que o conflito esteja presente em sua realidade. Nesta perspectiva, a segregação se apoia na existência da propriedade privada do solo urbano, que diferencia o acesso do cidadão à moradia [...]”. Nesta condição, a segregação é a negação do urbano e da vida urbana e assume, no entanto, várias facetas indicando processos diferenciados, apesar de justapostos. (SOUZA, 2010; CARLOS, 2007)

É preciso salientar que as décadas de 1980 e 1990 foram palco de grandes transformações conjunturais na cidade de Goiânia. Dentre as transformações destacam-se sua metropolização, bem como a reestruturação espacial de diversas atividades funcionais (PAULA, 2003).

É importante entender que as transformações se deram por meios da reestruturação e das redefinições das atividades comerciais e funcionais, decorrentes de uma série de transformações no espaço urbano goianiense..(2003, p.45 – grifos da autora). Tem-se a formação de alguns subcentros em Goiânia, já em meados das décadas de 1970 e 1980, que se consolidam ainda hoje: o primeiro Subcentro é o de Campinas – no qual destacam-se as

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

2447-9357

Avenidas 24 de outubro e Castelo Branco, a primeira caracteriza-se pelo comércio de eletrodomésticos e roupas, bem como pelos serviços bancários e civis[...] Na segunda, predominam o comércio de produtos agropecuários.[...] O segundo, o Subcentro Fama - no qual destaca-se a Avenida Bernardo Sayão, que concentra um comércio de confecção de roupas populares [...]Terceiro. Subcentro do Alto do Setor Oeste e Setor Bueno e adjacências (Bela Vista,Coimbra, Jardim América, Serrinha e, mais recentemente, Marista e Nova Suíça) – caracterizando-se como uma área nobre por abrigar a “elite” da cidade, e onde destaca-se uma rede de serviços comerciais e de serviços.(PAULA, 2003).

Neste contexto, em consequência da cidade polinucleada é a formação da metrópole, com alto grau de diversidade econômica e alta especialização em atividades urbanas, com posição nítida de liderança do polo sobre a área de influência [...]. A partir dos diversos núcleos há a presença de conurbações, dada pelo adensamento da ocupação urbana, alta concentração populacional, elevado grau de urbanização e de densidade demográfica, resultando em espaços contíguos, exigindo planejamento integrado para funções de interesse comum e arranjos institucionais para administração compartilhada. (IPEA, 2013).

Conclusão:

Podemos levantar enquanto breves considerações é que nova capital do estado, desde sua construção, foi caracterizada pela presença simultânea de empreendimentos com e sem regularização fundiária. Esta realidade está presente no processo histórico de territorialização de Goiânia. Porém, este cenário não se limitou à Goiânia: à medida que a capital dificultou o acesso ao solo urbano, as cidades que a circundavam foram afetadas por este processo. A cidade criada sobre um olhar de planejada, ao decorrer das décadas perde esse sentido, isso em decorrência da ação dos agentes produtores do espaço urbano. A cidade expande em suas diferentes direções, isso devido a própria lógica estabelecida pelo capital concretizada nas ações dos agentes espaciais. Portanto a dinâmica intraurbana da cidade, torna-se desde da sua criação até os dias atuais, uma análise complexa, no sentido de buscar entender a função da cidade enquanto moradia, e a lógica a ela criada a partir das objetivos dos promotores imobiliários que estão a serviço da reprodução do espaço urbano visando assim o capital.

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.

Referências:

BARROSOMichelle Rodrigues. **O loteamento Jardim Nova Esperança:desafios na regularização fundiária em Goiânia/GO/** Michelle Rodrigues Barroso. – 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3^oed. São Paulo: Editora Ática, 1995

Luís, Estevam,**Geração de emprego e a Segunda Marcha para o Oeste**. Jornal Opção, Goiânia, 25/set/2005. Disponível em: <<http://www2.ucg.br/flash/artigos/050928oeste.html> >. acesso em 06/08/14.

MARINHO, Clorisnete Borges. **Região Sul de Goiânia**: um lugar valorizado na metrópole, 2006, São Paulo, Nº 19, pp. 113 - 129, 2006. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73993/77652>> 06/06/2014.

MELLO, Marcelo, **Brasília, Àguas Lindas de Goiás e o (Des)encontros da racionalidade com a irracionalidade**. Tese de Doutorado, UFG, IESA, 2009.

MELO, Lucelena, Cunha, Débora Ferreira da, BORGES, Elcileni de Melo, VIANA, Juheina Lacerda Ribeiro,Arranjos **Institucionais de gestão da Região Metropolitana de Goiânia**, pag. 254-271. In; COSTA, Marcos Aurelio, Tsukumo, Isadora Tami Lemos, 40 anos de regiões metropolitanas no Brasil / organizadores: Marco Aurélio Costa, Isadora Tami Lemos Tsukumo.- Brasília :IPEA, 2013.

PAULA, Flávia Maria de Assis. **Descentralização e segregação sócioespacial em Goiânia: uma caracterização das centralidades dos setores Bueno, Oeste e Marista**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

MOYSÉS, Aristides. **Estado e urbanização: conflitos sociais na região Noroeste de Goiânia (década de 80)**. 1996. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Departamento de Ciências Sociais da PUC–SP. São Paulo, 1996

Villaça, Flávio, 1929 **Espaço intraurbano no Brasil** – São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

¹Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás em 2014

² Pós doutor em Geografia e professor Universidade Estadual de Goiás em 2017.